



GÊNERO E MOVIMENTO ESTUDANTIL: UMA ANÁLISE DO PROTAGONISMO FEMININO NO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES DA UNICAMP

Bolsista: Milena Eugênio da Silva

Orientadora: Prof. Dra. Juliana Pires de Aruda Leite

Coorientadora: Amanda Carolini Menconi Hornhardt, Ms¹

Resumo: Esta pesquisa se insere no campo de estudos sobre gênero e movimento estudantil (ME), e buscou compreender como se dá a prática política de dirigentes mulheres em uma das principais instâncias representativas de deliberação da categoria estudantil na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O recorte escolhido foi a gestão 2018-2019 do Diretório Central dos Estudantes (DCE), marcada por apresentar uma composição plural: 79 membros, sendo, destes, 34 mulheres e uma pessoa transsexual. Realizamos levantamento bibliográfico, análise documental, observação participante de caráter etnográfico, aplicação de questionário e entrevistas em profundidade. A partir destas análises, concluímos que o protagonismo feminino das lideranças, neste cenário, se faz presente, embora ainda exista a reprodução de opressões, caracterizadas pela inserção da entidade em uma sociedade marcada pela desigualdade de gênero. Apesar da importância da discussão de gênero no ME, ainda existem poucos estudos sobre o tema.

Palavras-chave: Movimento Estudantil, Gênero, Protagonismo, Movimento Feminista, DCE.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Iniciação Científica buscou compreender como se dá a prática política de dirigentes mulheres em uma das principais instâncias representativas de deliberação da categoria estudantil na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A investigação buscou, a partir de um recorte de gênero, compreender como as relações entre os integrantes são estabelecidas no seio deste movimento, uma vez que sua configuração apresenta um conglomerado de densas redes organizacionais, formadas por atores interligados e identidades partilhadas. Averiguou-se qual o perfil de militância aceito e disseminado nestes espaços, quais as diferentes concepções de feminismo que operam, quais funções essas mulheres ocupam e se participam de outras redes organizacionais, movimentistas ou partidárias.

O recorte escolhido foi a análise da gestão 2018-2019 do Diretório Central dos Estudantes (DCE) desta universidade, marcada por apresentar uma composição plural: 79 membros, sendo, destes, 34 mulheres e uma pessoa transexual, abarcando diversas correntes político-partidárias do campo progressista. Sua representação abrangeu três campi, alocados em três cidades distintas.

Partimos de uma análise da bibliografia sobre gênero e movimento sociais que enfatizou o importante papel do meio universitário para a circulação de ideias, publicações e pessoas relacionadas ao pensamento feminista no Brasil, entre os anos de 1964 a 1985, período do regime militar brasileiro, marcado por forte atuação, tanto do movimento estudantil (doravante ME), quanto do movimento feminista (PEDRO, 2005).

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e pesquisadora do Laboratório de Estudos do Setor Público (LESP/FCA) na temática de gênero e movimentos sociais.

Em profundo diálogo com os movimentos sociais do período, os estudos de gênero, ao mesmo tempo que buscavam explicar fenômenos relacionados à luta das mulheres, fortaleciam esta luta. Foi, a partir do final da década de 1980, que o debate de gênero ganhou força no seio do ME, por meio do trânsito de estudantes em diversos espaços de militância e grupos que se debruçavam ao estudo da pauta feminista e da diversidade sexual.

Este processo de inserção da pauta feminista no ME se deu de forma conflituosa, revelando relações de poder desiguais presentes em seus espaços (SILVA, 2016). Isso porque, o ME está inserido em uma sociedade marcada pela desigualdade entre homens e mulheres, fundamentada na reprodução de opressões de gênero. A numerosa participação masculina em ambientes de caráter essencialmente político, criou um “modelo masculino de militante”, descrito por Sousa e Bezerra (2006) como “perfis de militância hegemônico”, caracterizados por elementos da socialização masculina: falas com um tom de voz elevado, caráter autoritário e retórica impositiva.

O estudo acerca do ME possibilita a compreensão sobre como as forças políticas plurais advindas da redemocratização se reestruturaram em suas bases, concebendo uma nova agenda social, edificada a partir da aglutinação dos novos interesses populares expressos no tecido social.

Tal diálogo entre o feminismo acadêmico e o movimento de luta das mulheres é percebido ainda hoje, sobretudo por meio do trânsito de ativistas mulheres e pautas feministas entre as diversas lutas encampadas pelo Movimento Estudantil (ME). No período recente, a partir do ascenso feminista mundial iniciado, sobretudo, a partir de 2017, as mulheres tem se destacado no cenário político como protagonistas dos mais diversos movimentos sociais.

Apesar da importância da discussão de gênero no ME, ainda existem poucos estudos sobre o tema, sobretudo com foco nas principais instâncias representativas de deliberação da categoria dos estudantes, como o DCE de uma universidade pública.

2. METODOLOGIA

Para a realização da presente pesquisa empreendemos: revisão bibliográfica, pesquisa documental, observação participante de caráter etnográfico, aplicação de questionário e realização de entrevistas em profundidade.

A primeira pesquisa bibliográfica compreendeu seis trabalhos, que procurou mapear o recorte de gênero no movimento estudantil brasileiro. A segunda, compreendeu oito trabalhos, concentrando-se em captar a trajetória histórica do DCE da Unicamp, bem como o protagonismo vivenciado por mulheres nos espaços de militância. A pesquisa documental foi elaborada por meio de uma triagem dos documentos disponíveis online sobre a gestão 2018-2019 da entidade.

A observação participante de caráter etnográfico iniciou-se com a revisão dos diários de campo produzidos, nos meses de novembro e dezembro de 2018, época de estruturação da campanha no período eleitoral. No ano de 2019, participou-se de reuniões e atividades em agosto, outubro e novembro. Derivou-se, para fins de análise, comparação e cruzamento de dados, um documento intitulado “Dossiê DCE”, abarcando os resultados de forma sistemática, compilado em 64 páginas.

A aplicação do questionário, com 18 dirigentes mulheres, objetivou captar suas percepções a respeito das ações tomadas pela gestão, seu envolvimento com outros movimentos sociais, o enfrentamento ao machismo nos diversos espaços de poder em que transitam e sua concepção acerca do movimento feminista. As entrevistas, com nove dirigentes mulheres e um dirigente homem transexual, buscaram captar a percepção destes acerca dos movimentos protagonizados por mulheres em nível nacional, suas experiências no ME, bem como sua avaliação a respeito de como o movimento percebe a participação das mulheres em suas instâncias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através dos dados coletados, foram exploradas e analisadas diferentes dimensões: I) O perfil das dirigentes e as pautas consideradas mais importantes por elas; II) A questão da múltipla militância; III) Suas concepções acerca do movimento feminista; IV) A relação das dirigentes com os instâncias de poder da gestão; V) As reuniões e espaços deliberativos.

A respeito do perfil das dirigentes mulheres do DCE:

- Possuem entre 17 e 24 anos;
- Nenhuma tem filhos;
- Composição étnico racial: doze se autodeclararam brancas (66,6%), uma negra (5,5%), duas pardas (11,1%) e duas indígenas (11,1%), sendo que uma não respondeu.
- Estão alocadas nos seguintes cursos de graduação: ciências sociais, letras, educação física, pedagogia, enfermagem, nutrição, administração pública e artes visuais.

Depreende-se, portanto que as dirigentes: I) são jovens; II) segundo a autodeclaração, a porcentagem daquelas que se reconhecem como brancas é o dobro do número daquelas que não se afirmam brancas (negra, parda, amarela e indígena). Tal condição relaciona-se diretamente com a composição racial da base da categoria estudantil analisada. A inserção de pessoas não brancas nos espaços das universidades, sobretudo de instituições públicas do país, é um desafio, em razão do racismo estrutural que ainda marca a sociedade brasileira.

No que tange às pautas ligadas diretamente ao recorte de gênero, destacam-se no programa da chapa: I) o apoio às mobilizações das estudantes mulheres da própria universidade, no 1º Semestre de 2018, pela segurança no campi, resultando em um acompanhamento da implementação da política de combate ao assédio; II) o apoio às mobilizações nacionais e internacionais de mulheres - Greve Geral de 2017, 8 de março de 2018, Manifestações pela Legalização do Aborto na Argentina, ato em resposta à execução política de Marielle Franco e o fenômeno do movimento do #ELENÃO; III) a organização de um mês contra o machismo; IV) a defesa de vagas nas creches para atender mães estudantes, V) cotas para pessoas trans e travestis na graduação e pós-graduação e implementação do nome social nos sistemas acadêmicos.

Em relação às pautas que as participantes do questionário consideram mais importantes de serem defendidas pelo DCE, partiu-se das propostas relatadas acima, contidas no plano de campanha da gestão para aferir a ordem de importância dada por elas, chegando ao seguinte resultado:

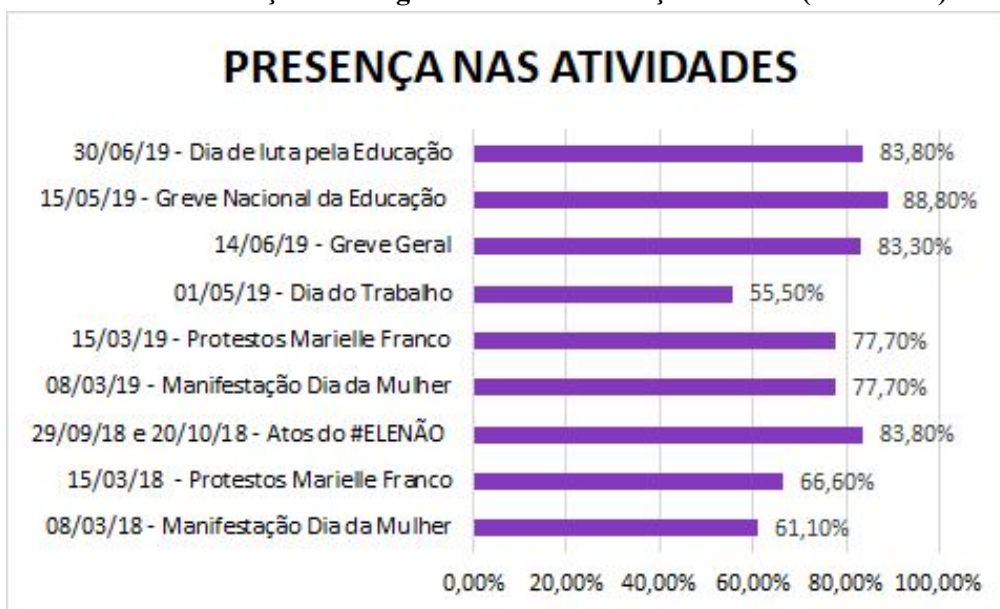
GRÁFICO 1: Pautas que as dirigentes consideravam mais importantes da entidade posicionar-se favoravelmente



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Além das atividades regulares do ME, as dirigentes do DCE participavam de outras manifestações políticas relacionadas à conjuntura nacional e internacional. Em relação aos protestos mais gerais ocorridos no país, que dialogam com pautas feministas e em defesa da educação, a participação das diretoras ocorreu segundo o gráfico a seguir:

GRÁFICO 2: Presença das dirigentes nas manifestações de rua (2018-2019)

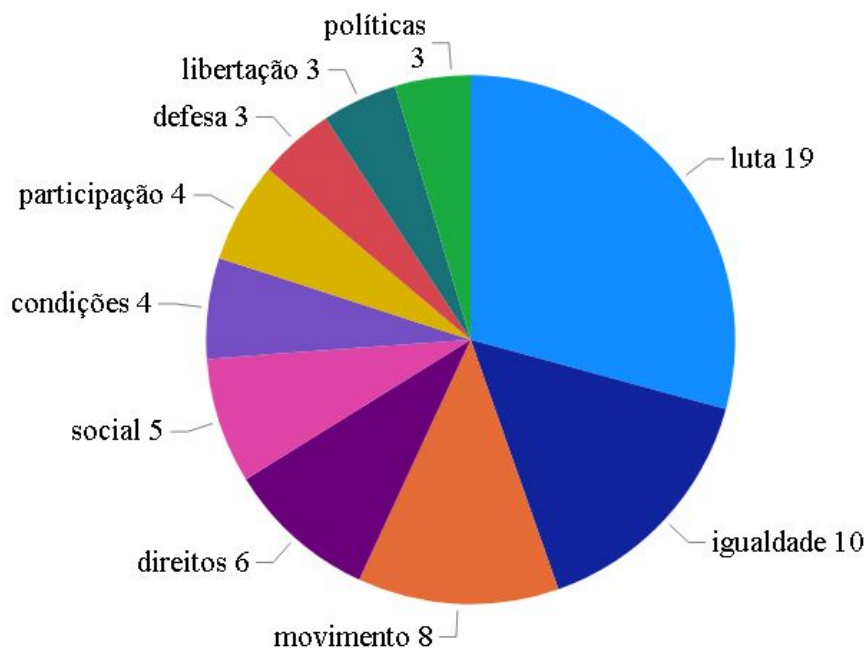


FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

No questionário aplicado com as dirigentes, buscamos compreender quais eram as concepções de feminismo encampadas por elas, através da pergunta dissertativa: “O que é feminismo?”

As respostas foram compiladas, chegando-se ao seguinte gráfico:

GRÁFICO 3: O que é feminismo para as dirigentes do DCE?



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Nota-se, portanto, uma forte compreensão do feminismo como um movimento de **luta** por igualdades de direitos, de uma forma não apenas restrita às demandas das mulheres, mas abrangendo a sociedade em conjunto. A ideia de feminismo como uma luta coletiva por igualdade de direitos, que marcou a geração dos anos 1980, reverbera ainda hoje na fala das ativistas mais jovens.

Embora a gestão 2018-2019 tenha objetivado construir uma coordenação horizontalmente funcional, notou-se, no decorrer dos trabalhos, uma tendência de centralização da tomada de decisão

na instância “Executiva”, que compreendia, inicialmente, apenas 15 membros, em sua maioria, homens.

Mesmo frente a uma série de dificuldades, a entidade obteve sucesso no desenvolvimento de várias atividades importantes relacionadas ao tema feminista. Além disso, as mulheres da gestão marcaram presença em diversas manifestações de rua, sobretudo do primeiro semestre de 2019, período marcado por uma conjuntura mais geral de ascenso dos movimentos sociais, em especial àqueles ligados à pauta da educação.

No tocante a múltipla militância, observou-se que há, historicamente, um fértil diálogo entre redes partidárias e movimentistas no ME, o que ocorreu também na gestão em questão. Os aprendizados derivados destes outros espaços influenciavam na forma de fazer política desses dirigentes, em sua postura, linguagem e conhecimento acerca das diferentes lutas travadas no país e no mundo. Também se refletiu na formação feminista das dirigentes, que advinha desse fértil trânsito de redes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados, foram exploradas diferentes dimensões. Em relação às mulheres e os espaços de poder da gestão, observou-se a presença das dirigentes mulheres ativamente nos processos decisórios, movendo suas pautas e colocando-se como sujeitos fundamentais do movimento. Com relação ao perfil das dirigentes e as pautas mais importantes, percebeu-se uma maioria de mulheres brancas cisgêneras, jovens e sem filhos. No tocante às pautas mais importantes, o combate às opressões liderou a ordem, dialogando diretamente com o reconhecimento das dirigentes mulheres enquanto sujeitos afetados pela reprodução do machismo nos espaços em que transitam.

Já com relação às concepções de feminismo, notamos o predomínio de uma compreensão que concebe o movimento como a luta por igualdades de direitos, de uma forma não apenas restrita às demandas das mulheres, mas abrangendo todo o tecido social.

Por fim, no que tange a questão da múltipla militância, constatamos a participação das dirigentes em outras redes organizacionais movimentistas e partidárias. Esse trânsito influenciou a postura das mulheres enquanto dirigentes, ao passo que adquiriram ferramentas para expressarem-se no seio do ME e que pudessem realizar análises conjunturais a respeito dos fenômenos sociais de forma articulada.

A partir de nossas constatações e análises, podemos concluir que ainda nota-se a disseminação no seio do ME, da postura pré concebida do dirigente ideal: postura essa que está diretamente ligada com a socialização das características masculinas. Embora o movimento abarque a inserção das pautas feministas e se debruce sobre elas, há a reprodução de opressões, caracterizadas pela construção do tecido social brasileiro. Apesar disso, o protagonismo feminino das lideranças, neste cenário, se faz presente: movem suas pautas, de acordo com as demandas do cenário interno que estão inseridas, se fazem presentes nos espaços, compartilham suas vivências e participam da tomada de decisão.

5. BIBLIOGRAFIA

ESTATUTO DCE. **Estatuto do DCE da Unicamp**. Disponível em: <<http://movebr.wikidot.com/dces:dce-unicamp:estatuto>>. Acesso em: fevereiro de 2020.

PEDRO, J. M. **Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância**. III Jornada de Estudos de Gênero – Feminismo e Gênero na Academia: protagonismos, tensões e perspectiva, III Encontro de Protagonismo, Educação e Gênero. São Leopoldo, RGS, UNISINOS. Março de 2005.

SILVA, M. D. P. **Memórias de Mulheres do Movimento Estudantil: Participação, Gênero e Educação**. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Sorocaba, 2016.

SOUSA, R. M. ; BEZERRA, T. C. **Juventude, movimento estudantil e gênero: problematizando o modelo masculino de militância**. Revista do PPG em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, 2006.

Universidade Estadual de Campinas. **ANUÁRIO ESTATÍSTICO**. Assessoria de Economia e Planejamento. Campinas, SP, 2019.